

## das línguas livres

"Sem juízo e também sem nunca me tornar juiz", assim se encerra o poema "Anarchy", de John Henry Mackay, publicado em 1888. O poema foi escrito somente um ano após a sua leitura de *O Único e sua propriedade*, livro de Max Stirner.

Mackay, impactado pelas considerações de Stirner, na ultrapassagem da década, passa a produzir incessantemente a partir de questões libertárias e se aproxima de anarquistas como o proudhoniano editor anarquista estadunidense Benjamin Tucker.

Nos anos 1890, torna-se um dos principais colaboradores do jornal anarco-individualista, *der eigene*. O periódico, no início de 1930, antes da tomada do Estado pelo nazismo, transformou-se também em um espaço de publicação gay com ampla repercussão na Alemanha.

Pouco se sabe sobre a existência de Mackay, até mesmo entre anarquistas. Para além de ter sido o responsável por divulgar novamente a obra de Stirner em um momento decisivo para os anarquismos na Europa, entre o massacre da Comuna de Paris e a irrupção da chamada "propaganda pela ação", no início do século, Mackay foi um dos primeiros *militantistas* a afirmar a liberação do sexo gay.

Em meados de 1900, pouco tempo depois da condenação do também anarquista Oscar Wilde, acusado de "indecência grosseira", em um momento em que a prática do sexo gay era crime, Mackay (utilizando o pseudônimo de Sagitta) publicou inúmeros poemas sobre "o amor que não ousa dizer o nome", como havia definido Wilde.

Perseguido duplamente, por experimentar o anarquismo e o sexo, o libertário não se calou. Enfrentou diretamente juízes, policiais que de tempos em tempos invadiam sua casa e psiquiatras como Krafft Ebing.

Mackay morreu em Berlim, em 16 de maio de 1933, dez dias depois da queima de livros por nazistas no *Institut fur Sexualwissenschaft*. Em 1934, outro libertário, Han Ryner, na vizinha França, disse: "várias legislações condenam o amor homossexual, que é recebido com zombaria ou severidade pela opinião pública (...). Hoje não usam mais fogueiras. Por vezes ainda se mata sorrateiramente".

Apesar de poucas pesquisas relacionadas a Mackay, uma busca mais minuciosa no google sobre as procedências do queer indica um pouco da sua história e das singulares lutas anarquistas relacionadas à liberação do sexo.

Na década de 1930, na Europa, ainda irromperiam as *Mujeres Libres*; nos anos 1940 e 1950, Paul Goodman nos Estados Unidos da América; nos 1960, Daniel Guérin, após o

rompimento com o marxismo. E daí em diante libertários do sexo não cessam, seja afirmando existências livres ou contestando a vida gay heteronormatizada e a criminalização da conduta gay em Estados autocratas. São tantas vidas outras, muitas delas desconhecidas, mas, intensas e vibrantes.

No Brasil, impossível não lembrar da equipe do jornal *O Inimigo do Rei*, que entre 1977 e 1988, simultaneamente às resistências à ditadura civil-militar, avacalhava com a direita e a suposta moral esquerdista superior propondo "Prática sexual ampla, geral e irrestrita", ou "Você pode fumar baseado desde que não seja trotskista".

Apesar de pouco conhecido e mencionado, Mackay teve alguns de seus poemas musicados por Richard Strauss e Arnold Schoenberg. O artista anarquista John Cage tomou aulas com Schoenberg durante um certo período. Não é possível saber se ele, por acaso, leu os poemas de Mackay. Mas, ambos nomearam ao menos uma de suas obras de *Anarchy*.

Cage, durante anos viveu seu amor livre com o coreógrafo Merce Cunningham. Em um célebre texto, "o futuro da música", publicado em 1975, defendeu o que chamou de "desmilitarização da linguagem", algo que, segundo ele, é uma prática própria de amantes.

As lutas anarquistas relacionadas à liberação do sexo são antimilitares. São também antipolíticas: não anseiam por regulamentação ou qualquer autoridade.

E, 1994, sessenta anos depois da morte de Mackay, na Alemanha, foi abolido o parágrafo 175 e a chamada homossexualidade foi retirada do Código Penal. A eliminação do parágrafo certamente foi o efeito direto de muitas lutas vitais.

Contudo, o mesmo direito, o mesmo tribunal e a mesmíssima justiça seguem condenando e destruindo, agora balizados em novos parágrafos, em reformas das palavras, em palavras-sentinelas.

Ainda vibra forte o poema de Mackay.

Intempestivo: Os anarquistas com John Henry Mackay

<https://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/26610>

O único e sua propriedade, John Henry Mackay

Parte 1: [https://www.nu-sol.org/blog/dt\\_portfolios/v-e-r-v-e-10/](https://www.nu-sol.org/blog/dt_portfolios/v-e-r-v-e-10/)

Parte 2: [https://www.nu-sol.org/blog/dt\\_portfolios/v-e-r-v-e-11/](https://www.nu-sol.org/blog/dt_portfolios/v-e-r-v-e-11/)

[publicado como hypomnemata 256. boletim eletrônico mensal do nu-sol, maio de 2022]